dos rios no mesmo rio a confluência da palavra desejada

Centro de documentação de arte actual

Uma das características do nosso tempo consiste na reformulação constante de todas as coisas, ainda se na grande maioria dos casos essa reformulação não passa de um exercício formal.

Contudo, essas reformulações, e a cadeia de interpretações que à sua volta se exibe, criam inúmeros vícios, não só com reflexo na linguagem, como desde logo invandindo o próprio e vasto campo daquilo a que se chama cultura. Isto é, os vícios da cultura não constituem um acidente de percurso, mas são desde logo aquilo que determina todo o conhecimento e acção de uma época, também ela, afectada pelos vícios dominantes. Na maioria dos casos, a análise dos acontecimentos, por exemplo, já não se faz perante os próprios acontecimentos, mas sim na base de interpretações desses acontecimentos produzidas por alguém.

Estamos pois sujeitos à apreciação dos especialistas — viciados por excelência — e a todos os jogos de interesse, pessoal, de grupo, económico, ideológico e outros, que se desenrolam à volta das interpretações dos acontecimentos.

A arte não poderia escapar a este panorama, não só porque ela é peça fundamental no xadrez cultural, mas também, e por isso, porque ela alimenta a actividade dos especialistas e se encontra envolvida numa teia de interesses de ordem vária.

A ideia de criar um Centro de Documentação de Arte vem pois deste pensar que é necessário recolher, senão os acontecimentos em si, pelo menos os seus resíduos, de forma a que eles possam constituir matéria de apreciação para além, ou junto, com as análises e interpretações fornecidas pelos especialistas e agentes culturais. Ou seja, trata-se de organizar um espaço esvaziado dos contextos circunstanciais, aberto para o futuro, próximo ou longínquo, e pronto a ser invadido por novas circunstâncias, novas apropriações, novos vícios e falsificações.

O Centro de Documentação servirá por sua vez, e porque permite uma leitura simultaneamente sincrónica e diacrónica, para que se estabeleçam relações e diferenças entre os vários actos artísticos da actualidade, permitindo assim uma visão globalizante dos próprios efeitos que a arte actual poderá eventualmente provocar. E muito concretamente, ele será o depósito de uma informação sobre os acontecimentos artísticos actuais, aberto à consulta de artistas e outros.

Todavia, a criação de um Centro deste tipo não é tarefa fácil, principalmente se se pretende fazer um trabalho sistemático e consequente, pelo que levará algum tempo até que se possa dispôr de material suficiente, em quantidade e qualidade, para garantir uma base de análise ou de consulta generalizada.

abril 1979

Dear Sema,

escrevo-te com os olhos ainda quentes das palavras. a língua quase. ave migradora exausta pelas grandes rotas
viajo em teu corpo de sal. e nas areias secretas onde as marés apagam o vestígio dos dedos
saliva que o coral adormecido expele do ânus. noite adiante minúsculos animais cercam a casa. rumores de vozes... mas não tenho medo
folheio-te. as águas que suspeitava adormecidas pelo prolongado sono movimentam-se onde a vida é. espaço transparente teia. baba doce que um insecto labora sabiamente
... depois do demorado silêncio. desperto húmido em tuas coxas. no incêndio maravilhoso da tua respiração

junto envio o "boletim" que me dará a possibilidade de mais noites em qualquer Pensão-de-Passe

teu admirador y namorado

Alberto

O Centro, estará ainda, pelo menos nesta fase inicial, muito dependente da contribuição desinteressada de artistas e outros, o que constitui desde logo um obstáculo considerável, tendo em conta não só a própria natureza do meio artístico português, pouco dado aos projectos colectivos ou globais, e a dificuldade de entrar em contacto directo com muitos outros, nacionais e estrangeiros.

Resta terminar, e a título de informação, dizendo que o Centro ARTA não pretende ficar-se pela recolha de material referente a realizações artísticas, mas abranger tudo o que tenha a vêr com uma acção e pensamento alternativo, como sejam as publicações anarquistas, ecológicas ou feministas, e tudo o que é realizado à margem, mesmo sem intenção de se sistematizar e se rotular. E isto porque a arte se encontra talvez mais perto do campo aberto da procura, do que do campo demarcado do conhecimento dominante. ●

Nota: Para todos os contactos e envios **ARTA -Apartado 21246 1131 LISBOA CODEX**

CARTA A ALMEIDA FARIA

Coisas extremamente cómicas se não fossem tão claramente trágicas, acontecem por aqui, com aceleração quasi insuportável, vindas de esquerda e de direita, através dos mais diversos Senhores Farias. Ora o que eu tenho a dizer é que, com Salazar ou com Caetano, ou agora depois do 25 de Abril, o que me tem sido dado são impossibilidades. É com elas que tenho feito o meu trabalho, há uns 36 anos...

Como se não bastasse o excessivamente poluído espectáculo ambiente, a ele se vem somar partidinhas que muito directamente nos são dirigidas, e que podem provocar diversos graus de morte. São por exemplo os nossos monumentos entregues ao abandono e destruição, é o Poeta aos beijinhos à milionária *para ganhar o seu*, é este Senhor Faria a fazer acusações que não pode provar como esta de ser eu de extrema direita etc etc etc, coisas que se erguem na sua monstruosidade, tomando todo o espaço, não deixando ver tudo o que está para além, e é realmente válido. Maquinação consciente ou inconsciente, que aparenta o Espírito a qualquer gato de estimação. Tristes tarefas estas de imitação da América, ou da Rússia, ou, já a outro nível, de se julgarem alguns caminhando uma mão travessa acima do soalho. Se o trabalho que faço desenhando-pintando, parece ao Senhor Faria *de extrema direita*, é uma mera opinião, uma interpretação muito pessoal, que admito; mas não parece ser posta nestes termos a sua acusação. E, se o fosse, muito gostaria que a aprofundasse. Curioso que já houve quem me viésse acusar, com toda a segurança, de eu ser amigo deste Senhor Faria, isto como evidente acusação de esquerdismo meu, quando na verdade muito pouco tenho a ver com esquerdismos, direitismos, ou centrismos, dos que por aí estão á venda para consumo, como balde ou galheteiro, de plástico colorido. Os meus gestos, se definíveis, (indefiníveis acho-os eu, tanto como os da maior parte dos homens), envolvem talvez uma posição metafísica — o que não quer dizer que a ame muito, a ela, a metafísica. Com o Senhor Faria, por certo que o que tenho em comum não é nada disto, mas antes o ser-mos ambos utentes desta tão difícil condição humana, que, para mim, não se resolve nunca em termos simplistas. Infelizmente! Em cada dia, (em cada hora), procuro o espaço para mais um passo, e, realmente, desta excessivamente longa viagem, não tenho a contar histórias daquelas que deixam as pessoas presas pelo beicinho, e dão ao contador passagem directa para um qualquer Olimpo.

O que por agora tenho ainda a dizer é que, a força propulsora que uso é a consciência, coisa que, justamente, o Hitler dizia ser invenção judaica. Verdade que também a consciência, (esta minha), me parece ser tão frágil como qualquer outra ponte, dessas em que, com tão incrivel segurança e espectaculosidade as pessoas se encarrapitam, gesticulando, gritando coisas, que uma inesperada intervenção alquímica torna tão-inteligentes-como-estúpidas, e que ficam afinal como um vidro, separando o espaço do espaço. Ou o espaço do Espaço, se se preferir.

Muito desejava que esta fosse a primeira e a última vez que me defendo de acusações destas. Além de que, (virtude-defeito), sou demasiadamente orgulhoso para me defender. A consciência é por certo um aparelho tão imperfeito e frágil como qualquer outro, mas não tenho muito mais do que a ela. Assim prossigo a minha viagem interior, e é para o interior, não para a palhaçada exterior que nos conduz, por exemplo, a mão de Novalis, quando diz, "c'est en nous qu'est l'éternité, avec tous ses mondes, le passé, et l'avenir". ●

Cruzeiro Seixas

CARTA PARA ANA HATHERLY

Recriando levemente o espaço do texto surge-nos o poema, a prosa poética, a escrita automática; a dimensão vertical do estilo, sem o qual o texto científico não teria sentido.

Todo o texto poético é feito com o mesmo objectivo do texto científico, como tal o que varia são os signos, e essencialmente os significantes.

A própria poética existe nos meandros do texto, especialmente naquilo que não é dito, em tudo o que existe nos espaços entre palavras, na comunicação espacial e na verbal.

Que fica então do texto, das palavras, da verborreia, que nos fica da vida, o passado? a acumulação de signos? Não! O que queremos é a procura sempre renovada do NOVO CÓDIGO DE COMUNICAÇÃO, tudo isto para dizer que o texto integrado no sistema de criação facilitado pelo "status-quo" já está morto, nada tem a dizer de novo, e acrescento ainda que a escrita com sentido, com lógica, já não nos diz nada, absolutamente NADA!

Nem a palavra vanguarda nos diz alguma coisa, especialmente por pessoas que se riem dos movimentos de entrpsiqmátria de ecologia, pesquisa musical, femininistas, happenings, etc..., que nos traduzem somente como significantes, portanto como uma significação limitada.

Pessoas que têm medo do preverso do marginal, pois que ainda é a única forma de transparente de estar na vida, como podem deixar de fazer jogos circulares de palavras, fechados, sem vida!

Tentaremos sempre criar a palavra em espiral, sempre aberta, caminhando para cima.

Portanto, conceitos como: academismo, afirmação de jovens, espírito revolucionário, consequência de represssão, gosto pelo lúdico, necessidade de negação, de criação original, estamos nas tintas para eles, estamos fartos de pisar ovos no asfalto! ●

Um beijo

Helena Ribeiro da Silva